

Uma inspiração, uma esperança: os sentidos da Reforma Protestante frente às crises e aos limites do protestantismo na América Latina*

*Magali do Nascimento Cunha***

Resumo

À luz das celebrações dos 500 anos da Reforma Protestante, o artigo reflete sobre a presença protestante na América Latina, em especial no que diz respeito às crises e incertezas deste segmento cristão no continente que acabam por desprezar a herança do movimento dos reformadores. Estas passam pelas tensões na relação com a Igreja Católica Romana, pelo fechamento ao diálogo e à cooperação entre os próprios protestantes, pelo forte clericalismo, pela consolidação da religião de mercado, pela revisão da compreensão de missão. O estudo indica possibilidades de superação das crises e incertezas considerando-se as experiências mais comunitárias e contextualizadas e o movimento ecumênico.

Palavras-chave: Reforma, Protestantismo, América Latina, Religião de Mercado e Ecumenismo

Abstract

In the light of the celebrations of the 500th anniversary of the Protestant Reformation, the article reflects on the Protestant presence in Latin America, especially regarding the crises and

* Este artigo é parte do número coletivo para revistas latino-americanas de teologia, animado pela Comissão Teológica Latino-americana da ASETT/EATWOT para 2017.

** Magali do Nascimento Cunha é jornalista, membro da Igreja Metodista, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, assessora do Conselho Mundial de Igrejas.

uncertainties of this Christian segment in the continent that end up despising the legacy of the reform movement. They go through tensions in the relationship with the Roman Catholic Church, through closure to dialogue and cooperation among Protestants themselves, strong clericalism, the consolidation of the market religion, the revision of the understanding of mission. The study indicates possibilities of overcoming crises and uncertainties by considering the most communitarian and contextualized experiences and the ecumenical movement.

Keywords: Reformation, Protestantism, Latin America, Market religion. Ecumenism.

Introdução

Estamos às vésperas da celebração dos 500 anos de um movimento religioso que deixou marcas no mundo: a Reforma Protestante. 31 de outubro é o dia em que se celebra o ápice desse movimento, nascido europeu, e que propôs novas formas de viver a fé cristã a partir de um protesto. Uma posição, principalmente, contra a forma como a Igreja predominante na época, a Católica Romana colocava condições para fiéis encontrarem perdão para os seus pecados e estimulava a prática de penitências associada ao elemento financeiro. Do protesto emergiram reflexões de fé de personagens como o alemão Martin Luther [Martinho Lutero], o mais destacado, além do escocês John Knox, do francês Jean Calvin, do suíço Ulrich Zwingli e do alemão Thomas Müntzer, este um líder dos “sem-terra” da época, entre outros. Daí nasceram as diferentes tradições chamadas protestantes (luteranas, presbiterianas, metodistas, batistas).

Mesmo com toda a diversidade desses grupos, é possível identificar bases comuns. A base que representa a maior herança da reforma, em especial aquela pregada por Martinho Lutero, é a radicalidade da graça. A graça de Deus é compreendida como o fundamento da vida e da fé e sentido da redenção do ser humano: a salvação se dá pela graça, ou seja, o perdão de pecados é resultado do amor incondicional de Deus, e para alcançá-lo é preciso ter fé. A Bíblia emerge, nesta compreensão como fundamento para a fé e a vida que reside na graça de Deus. Esta herança está assentada nas cinco frases em latim que sintetizam o sentido da Reforma Protestante: *Sola Gratia* (Somente a Graça), *Solus Christus* (Somente Cristo), *Sola Scriptura* (Somente a Escritura),

Sola Fide (Somente a Fé) e *Soli Deo Gloria* (Glória somente a Deus). Todos estes cinco princípios representam protesto e oposição aos ensinamentos da então dominante Igreja Romana, que, segundo os reformadores, teria monopolizado os atributos de Deus e transferindo-os para a Igreja e sua hierarquia, especialmente para o Papa.

Destes princípios deriva um outro, também importante, que é o do sacerdócio universal de todos os crentes - um questionamento do clericalismo e uma valorização do lugar dos fiéis no propósito missionário do Senhor da Igreja. Com isso, os diferentes grupos protestantes empreenderam uma popularização da leitura bíblica, bem como a ampla atuação e liderança dos leigos (os não ordenados). Consequência direta desse posicionamento foi a tradução da Bíblia, por Lutero, para a *língua vulgar*, o alemão, o que transformou radicalmente a relação dos fiéis com a Sagrada Escritura e abriu caminho para a livre interpretação do texto bíblico.

Ao escrever sobre o *princípio protestante* o teólogo luterano alemão do século XX Paul Tillich¹ reconheceu que é própria do cristianismo, à luz da postura do Cristo, a dimensão profética, contestatória, protestante. Para este teólogo a Reforma significou a encarnação deste princípio; uma volta às origens do ser cristão. No entanto, vale ressaltar que Tillich reconheceu que esse espírito não é propriedade exclusiva de qualquer grupo religioso, podendo se manifestar em diferentes formas religiosas, culturais e políticas.

Ocorreu que, no desenrolar do processo, a aliança dos reformadores com príncipes, latifundiários e burgueses pré-capitalistas comprometeu o caráter profético do movimento. Isto reforça o fato de o *princípio protestante* poder ser levado adiante por distintos grupos, como foi o caso dos camponeses, com Thomas Müntzer, que pagaram com a vida o preço deste compromisso de fé. Dimensão a que levou alguns estudiosos, como o sociólogo Max Weber, a estudar a relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo (2004).

De qualquer forma, foram as bases teológicas que moldaram as doutrinas das diferentes confissões protestantes que se constituíram na Europa e nos Estados Unidos e, mais tarde (a partir do século XVII), se expandiram por todos os continentes, por meio dos esforços missionários. E foi assim que este segmento cristão chegou à América Latina há quase dois séculos e sofreu muitas transformações, em especial, *com a chegada dos pentecostais, décadas depois.*

¹P. TILLICH, *A Era Protestante*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião e Traço a Traço Editorial, 1992.

1. Na América Latina.

A identidade *protestante* nunca foi bem afirmada por boa parte dos diferentes grupos que chegaram à América Latina a partir do século XIX. O termo *protestante* tem sido raramente utilizado e é mais utilizado em espaços acadêmicos. Nos primórdios do protestantismo no Brasil, os grupos, predominantemente, optaram por se denominar “evangélicos”, reforçando disputas religiosas com o catolicismo romano que povoava o continente desde a colonização ibérica. Os missionários estadunidenses traziam sua própria identidade, sua forma de se autoidentificarem: eles eram *evangelicals* ou evangélicos, adeptos da corrente protestante, com raízes no movimento fundamentalista, que desejava afirmar a sua fidelidade ao Evangelho e não à Ciência ou à razão humana. O termo *evangélico* acabou sendo popularizado designar os fiéis e as igrejas não católicas. Aos não-evangélicos atribuía-se a expressão *do mundo* ou *mundanos*.² Lamentavelmente, a história explica que a inserção protestante na América Latina se deu, de forma predominante, nesta perspectiva sectária, para se diferenciarem dos católicos, colocando-se como defensores *do verdadeiro Evangelho*.

²M. do N. CUNHA, *A Explosão Gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

Nos primeiros anos do século XX, com a chegada dos pentecostais, a perspectiva teológico-pastoral não se manifestou muito distinta. A diferença residiu numa presença mais voltada para a população empobrecida e as periferias das cidades. Esta pastoral mais voltada para os pobres tornou possível uma presença mais enraizada na cultura com lugar garantido para a emoção e para as expressões corporal e musical mais populares. Isto deu aos grupos pentecostais condições de consolidação no campo religioso com presença geográfica e crescimento numérico mais expressivo.

Em nossos dias, o segmento é tão amplo e diverso, com uma presença tão significativa e crescente no continente, que é tarefa difícil nomeá-lo, explicá-lo e agrupá-lo por afinidade. Em tese, teria raiz comum: a Reforma Protestante e seus movimentos originários. A expressão *em tese* é usada aqui porque levando-se em conta as transformações ocorridas na teologia e no jeito de ser de boa parte dos evangélicos latino-americanos, muito pouco ou quase nada foi herdado da Reforma.

Isso pode ser identificado em muitas práticas predominantes, que geram crises e incertezas no protestantismo no continente, o que é exposto para reflexão a seguir.

2. Crises e incertezas.

Porto Alegre 2006: pela primeira vez uma Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas foi realizada na América Latina, um continente cuja contribuição inegável para os esforços de diálogo e cooperação, desde o Congresso Missionário do Panamá, em 1916, foi decisiva para a construção da história do movimento ecumênico no mundo. Os temas políticos do nacionalismo, do *pan-americanismo* e do *latino americanismo* e as controvérsias da discussão da dimensão cultural como os elementos importantes para a construção de uma presença eclesial relevante no continente, para a reflexão decorrente em torno de uma teologia latino-americana, para as ações sobre direitos humanos e os projeto de educação ecumênica popular, entre outras dimensões; são parte de uma significativa história de quase um século de esforços para a unidade entre os cristãos em terras latino-americanas.³ Esta memória ajuda a afirmar que encontrar a unidade no diálogo teológico é possível, bem como em ações missionárias de solidariedade/cooperação. Entretanto, é também uma memória de conflitos e contextos de divisão, que ainda se faz concreta no tempo presente, o que demarca uma série de limites ao protestantismo no continente. É sobre eles que os próximos itens deste estudo dedicarão espaço.

³J. M. BONINO, *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sínodal, 2005.

2.1. Católicos vs. Protestantes

Desde os primórdios das ações missionárias no século XIX, as tensões com a Igreja Católica Romana têm marcado o protestantismo no continente. As reações dos líderes católicos contra a presença protestante na América Latina com boicotes e perseguição, por vezes com o apoio dos governos, geraram ações e posturas de vingança e sentimentos de rancor em muitos líderes protestantes. Por outro lado, as atitudes de missionários que incentivaram a unidade protestante como uma resposta à presença católica hegemônica no continente acabaram por intensificar uma posição de anticatolicismo que permanece até o tempo presente.

É verdade que houve mudanças nesta situação, provocadas pela própria história, como a abertura da Igreja Católica, com as perspectivas de unidade dos cristãos e aproximação com o movimento ecumênico, a partir da década de 1960, resultado do Concílio Vaticano II. Esta nova postura se consolidou na América Latina através das Conferências Episcopais Católicas em Medellín (1968) e Puebla (1979). Dentro

⁴D. S. PLOU, *Caminhos de Unidade. Itinerário do Diálogo Ecumênico na América Latina*. São Leopoldo/Quito: Sino-dal/Clai, 2002.

deste espírito, por exemplo, uma reunião da Federação Mundial de Estudantes Cristãos (FUMEC), de base protestante, na Bolívia, em 1955, registrava que as relações ecumênicas na América Latina deveriam incluir a Igreja Católica.⁴

A experiência do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL) também demonstrou que protestantes e católicos foram capazes de diálogo e de ação conjunta. ISAL foi o resultado das conexões do protestantismo latino-americano, concretizadas por meio das Conferências Evangélicas Latino-Americanas (Celas) realizadas em 1949 (Buenos Aires), 1961 (Lima) e 1969 (Buenos Aires). Nas Celas, que chegaram a reunir duas centenas de protestantes de mais de 40 igrejas e cerca de 30 países, discutia-se a dimensão social da teologia protestante, a organização do movimento ecumênico em termos geográficos e temas como o subdesenvolvimento, a fome e a reforma agrária no Continente.

ISAL foi criada na Celta de 1961, com a finalidade de levar às igrejas as bases bíblico-teológicas da responsabilidade sociopolítica dos cristãos. Como resultado, publicou a revista *Cristianismo e Sociedade* e livros com reflexões de teólogos protestantes latino-americanos, como Jose Miguez Bonino, Julio de Santa Ana e Rubem Alves, consideradas bases instituintes da Teologia Latino-Americana da Libertação. Católicos como Hugo Assmann e Pablo Richard participaram deste espaço de diálogo teológico.⁵

No entanto, cumpre admitir neste estudo que estas posições, tanto de superação do anticatolicismo ou de afirmação do espírito ecumênico entre latino-americanos, sempre foram assumidas por uma minoria. ISAL, por exemplo, enfrentou crítica e rejeição da maioria das igrejas.

2.2. Fechamento ao diálogo e à cooperação

A mesma dificuldade pode ser identificada quanto ao nível de aderência aos conselhos de Igreja nacionais, latino-americano e mundial. A presença oficial de igrejas contida nessas associações é muito pequena, se considerado grande número de igrejas e associações cristãs do continente. Por exemplo, muito poucas igrejas latino-americanas são membros do CMI - apenas 27 de 11 dos 20 países. O continente é considerado o segundo em número de cristãos no mundo, a maioria vinculada à Igreja Católica Romana, que vive uma fase de declínio em número de fiéis e enfrenta o amplo crescimento do pentecostalismo e do avivalismo. Esta é a menor presença de igrejas por continente no Conselho Mun-

⁵Cf. J. BITTEN-COURT FILHO, *Por uma eclesiologia militante*. ISAL como nascedouro de uma nova eclesio-logia para a América Latina. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Instituto Metodista de Ensino Superior, 1988.

dial de Igrejas, em termos proporcionais. De fato, desde os primeiros esforços pela unidade na América Latina, a maioria protestante revela uma postura conservadora e acredita que o movimento ecumênico constitui um perigo e uma ameaça para igrejas e grupos cristãos, e, como o catolicismo, deve ser evitado e combatido.⁶

É importante notar aqui que não podemos abordar estes elementos com um olhar simplista; ou mesmo ingênuo, que não inclua as dimensões políticas e ideológicas que envolvem o movimento ecumênico. Ecumenismo na América Latina, em sua origem protestante, provou, em sua história, ser um promotor de mudança, um agente de transformação social e de renovação das igrejas nas áreas teológicas, pastorais e litúrgicas. O conservadorismo político-social somado às posições teológico-pastorais da parte das igrejas, que bloqueiam as possibilidades de mudança e negam a presença transformadora de igrejas no espaço público, certamente foi e tem sido um fator decisivo para a rejeição do movimento ecumênico e suas expressões. Um dado histórico que corrobora esta afirmação foram as duras perseguições que lideranças do movimento ecumênico sofreram nos países latino-americanos que viveram ditaduras militares nos anos 60 a 80 – várias foram as prisões, as mortes, os desaparecimentos e as experiências de exílio destes cristãos.⁷ O período de repressão das ditaduras militares se refletiu na repressão interna às instituições eclesiásticas e também contribuiu para o acirramento das crises e refluxos no movimento ecumênico que deixa suas marcas até a contemporaneidade. Exemplo disso é o fato de conselhos de igrejas como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI), no campo continental, e conselhos nacionais de igrejas, se esforçarem por terem representatividade e visibilidade, mas terminarem refletindo as limitações das próprias igrejas quanto ao engajamento ecumênico.

É preciso também reconhecer que muitas dessas posições negativas se devem à falta de acesso a informações adequadas sobre o ecumenismo e uma falta de formação para a unidade como parte dos processos de educação cristã nas igrejas. Há muita desinformação e preconceito. Existem líderes que, por vezes, falam contra o ecumenismo e o movimento ecumênico sem saberem exatamente do que se trata. Por outro lado, aqueles que abraçam o movimento não parecem ter encontrado uma forma pedagógica e eficaz de comunicação. A esses líderes ecumênicos falta o código, a língua das comunidades locais, portanto, em boa parte das vezes, programas e materiais não comunicam adequadamente.

⁶Cf. C. O. RIBEIRO e M. CUNHA, *O rosto ecumênico de Deus. Reflexões sobre ecumenismo e paz*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

⁷Cf. D. S. PLOU, op. cit.

Pode ser acrescentado a este quadro o fato de que o grande fenômeno eclesial do continente - o crescimento de igrejas pentecostais – que marca este contexto religioso, mas não alterou esta situação. Isto pode ser explicado pelas características deste grupo cristão, em particular: tendência ao **denominacionalismo**, constituído em cismas e divisões dentro do próprio movimento e no seu relacionamento com outras expressões evangélicas; disputas teológicas e tensões em torno do poder e do controle de comunidades da parte de lideranças como fonte de muitos cismas; fechamento pentecostal resultante de uma perspectiva teológica e pastoral exclusivista como característica do segmento.⁸

⁸Cf. M. do N. CUNHA, Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. Em *Estudos de Religião*. v. 25, n. 40 (2011), pp. 35-51.

2.3. Hierarquias vs. Bases.

É importante reconhecer que muito destas crises e incertezas no campo eclesiástico protestante deve-se mais à força das hierarquias e ao clericalismo que têm marcado a vida das comunidades deste segmento na América Latina, possivelmente por conta das culturas patriarcal e paternalista presentes no continente. Por isso existem posições muito diferentes entre as pessoas comuns, nas experiências do cotidiano, em que tensões confessionais e divisões clássicas são superadas sem planejamentos e estruturas, e promovem unidade nas lutas pela vida e por direitos. Experiências de ações comuns entre os cristãos latino-americanos resultantes de necessidades da comunidade são uma realidade, bem como momentos de desejo de estar juntos fora das formalidades institucionais, para a oração comum e estudo da Bíblia. As experiências de protestantes, tradicionais e pentecostais, com as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica são um exemplo forte. Há quem denomine essas experiências “ecumenismo de base”.⁹ Elas existem e são uma realidade na América Latina.

⁹Cf. Z. M. DIAS, O Movimento Ecumênico: História e Significado. Em *Numen*, v. I, n. 1, (1998) pp. 127-163.

E isto se coloca como um sinal de força em um contexto eclesial e eclesiástico que se revela desfavorável à prática ecumênica em terras latino-americanos porque, em geral, no contexto atual das igrejas uma nova ordem religiosa é assimilada: a religião do mercado.

2.4. A religião de mercado: individualismo e competição.

O avanço do capitalismo globalizado a partir dos anos 90 imprimiu uma nova ordem mundial na qual o investimento tecnológico tornou-se estratégia determinante. A informação passa a ter espaço privilegiado, bem como os canais de co-

municação. Uma ampla fatia da economia mundial passou a ser centrada na informação e na comunicação, e, no século XXI, a indústria da comunicação e informação se consolida como a maior do mundo. Fica solidificado o casamento entre o mercado e as mídias.

Nesse contexto sociopolítico e econômico, o campo religioso latino-americano experimenta o fenômeno do crescimento dos movimentos pentecostais. Surge um sem-número de igrejas autônomas, organizadas em torno de líderes, baseadas nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade, sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina. Baseiam-se também no reprocessamento de traços da religiosidade popular latino-americana, da valorização da utilização de símbolos e de representações icônicas. Há ainda um tipo de pentecostalismo mais recente que privilegia a busca de adeptos da classe média e de faixa etária jovem e a música e o entretenimento religioso como recurso de comunicação.

Essa presença pentecostal é percebida na vida do continente, predominantemente, de duas formas: um alto investimento em espaços nas mídias e participação política partidária com busca de cargos no Poder Público.

O crescimento pentecostal passou a exercer uma influência decisiva sobre o modo de ser das demais igrejas cristãs. Para os protestantes, provocou incômodo em relação a um aspecto que marcou as igrejas históricas no Brasil – a estagnação e o não crescimento numérico significativo – e promoveu uma espécie de motivação para a concorrência e busca do aumento do número de adeptos. Para os católicos, representou uma ameaça, já que os seus fiéis são alvo do proselitismo pentecostal, o que se manifestou na forma de um declínio numérico. A influência se concretizou de maneira especial no reforço aos grupos chamados *avivalistas* ou *de renovação carismática*, que têm similaridade de propostas e posturas com o pentecostalismo e passaram a conquistar espaços importantes na prática religiosa das igrejas chamadas históricas para que elas recuperassem ou alcançassem algum crescimento numérico.

A tudo isto se conecta o crescimento do chamado mercado da religião.¹⁰ Os cristãos tornam-se um segmento de mercado com produtos e serviços especialmente desenhados para atender às suas necessidades religiosas sejam de consumo de bens sejam de lazer e entretenimento. Há um considerável aumento do número de produtos (bens e serviços) comercializados para cristãos. Tornou-se possível encontrar

¹⁰Cf. M. do N. CUNHA, *A Explosão Gospel*, op. cit..

disponíveis produtos os mais variados, como roupas, cosméticos, doces, viagens, com marcas formadas por slogans de apelo religioso, versículos bíblicos ou, simplesmente, o nome de Jesus. Fazem cada vez mais sucesso as feiras católicas e evangélicas (grandes eventos comerciais) voltadas exposição de produtos especialmente voltados para estes consumidores.

Ao mesmo tempo, as grandes mídias (seculares) assimilam esta atmosfera e passam a produzir programas, ou parcelas deles, para disputar audiência cristã: espaço para a música cristã contemporânea (*gospel*) e seus artistas, patrocínio de festivais e megaeventos de rua, veiculação de programas de entretenimento com temática religiosa. Estas interações têm reflexos na cultura dos grupos religiosos, em especial nas práticas celebrativas (missas católicas e cultos evangélicos) que terminam por assimilar aspectos do que é veiculado pelas mídias. Isso se converte em alta dependência de tecnologia e reprodução de formatos e conteúdos performáticos das celebridades religiosas midiáticas no cotidiano de comunidades. O resultado disso é homogeneização (padronização) e enfraquecimento da espontaneidade, elementos característicos da indústria cultural, neste caso, religiosa, o que reafirma a intensidade da relação religião-mercado-mídia.¹¹

¹¹Cf. Idem..

A religião de mercado emerge como uma cultura religiosa que é assimilada por protestantes e católicos no continente, fundamentalmente com: busca de resultados mensuráveis pelos líderes (crescimento numérico e de propriedade), busca pela visibilidade no espaço social (cargos públicos e a presença na mídia), pregação de uma religião intimista caracterizada pela busca de respostas a problemas práticos imediatos, a valorização dos bens de consumo e busca de mobilidade social como evidência da bênção de Deus na vida dos fiéis. Aqui não se deve restringir às práticas dos chamados grupos neopentecostais, como muitos analistas fazem ao lidar com estas formas teológicas e pastorais. Há uma boa parte das igrejas históricas do continente, incluindo a Católica Romana, que têm assimilado essas dimensões em seus discursos e práticas, em especial por meio do movimento de renovação carismática.

2.5. Uma revisão da compreensão de missão

É neste ponto que se pode trazer a discussão que está presente protestantismo latino-americano desde os primórdios: a compreensão de missão. No passado, *missão* foi um elemento fundamental de promoção da unidade entre protes-

tantes, *para que o mundo creia*, que originou o movimento ecumênico no mundo, conectado à noção de que não se faz missão sem promoção da vida, da paz com justiça. No contexto que predomina no campo religioso do continente outra dimensão se impõe.

No tempo presente as igrejas protestantes têm sido desafiadas pela perspectiva de trabalharem com *missões*, em suas diferentes formas de fragmentação - *transculturais, nacionais, indígenas, das janelas*, entre outras. Esta postura torna ainda mais forte a desconexão com a forma de ser e de viver da população e suas necessidades – o que importa é o crescimento numérico, o recrutamento de membros para as igrejas. E aqui se chega a um ponto delicado: com esta configuração de crescimento a todo custo, emergem, com força, novas formas de proselitismo religioso, um reavivamento do anticatolicismo e um intenso fechamento a toda e qualquer proposta de diálogo e cooperação inter-religiosa, o que torna a dimensão ecumênica entre as igrejas ainda mais fragilizada.

Neste contexto de visibilidade evangélica a ser alcançado e consolidado no continente existem ações sociais. Governos e empresas, em resposta ao modelo dominante político-econômico (capitalismo globalizado) têm os seus programas sociais paliativos para enfrentar os efeitos da exclusão (as *fundações*, as *instituições de caridade*, os *projetos comunitários*), sem alcançar uma coerente e profunda superação das causas e estruturas. Da mesma forma, muitas igrejas têm investido no trabalho social e falta de análise crítica em relação ao funcionamento da sociedade e as causas dos efeitos que eles procuram atingir, que se tornou uma mera fonte de evangelização ou marketing institucional.¹²

¹²Idem.

Como resultado de tudo isto, os protestantes ganham confiança e começam a sentir que podem ser uma presença significativa na sociedade. As estatísticas de crescimento de algumas igrejas, a crescente presença nos meios de comunicação (TV e rádio, publicações, diferentes espaços na internet) e a atuação na esfera política revelam números cada vez maiores.

3. Inspiração para nutrir esperança

O que se descreveu acima parece ser o quadro teológico-pastoral hegemônico que traz crises e incertezas ao movimento ecumênico no continente. Ele alimenta perspectivas *teológico-pastorais muito distantes das bases da Reforma*. Nos momentos de culto, pregações e cânticos, por exemplo,

há muito não enfatizam o amor incondicional de Deus. Pelo contrário, seu conteúdo realça um Deus que age condicionado às ações humanas: pela quantidade das orações, pelo sacrifício que se deve fazer para alcançar as bênçãos (seja por meio de obrigações religiosas ou de ofertas financeiras), como no tempo das indulgências. O poder e o controle dos líderes religiosos têm sufocado a voz e a ação dos leigos. A leitura fundamentalista, descontextualizada, tem tornado a Bíblia um livro estéril. Desaparece aí o protestantismo na sua razão de ser.

Esta descrição não significa uma situação unânime no cenário protestante latino-americano. Há outras perspectivas que caminham por ações mais comunitárias e contextualizadas. Precisamos fazer justiça e recordar as sementes do jeito protestante de viver a fé na história. Como os protestantes/evangélicos que alfabetizaram tantos latino-americanos por meio da leitura da Bíblia. Como aqueles que pagaram com suas vidas o compromisso com a justiça, povoando as prisões das ditaduras militares, resistindo às torturas, enfrentando a morte ou o exílio. Como quem cultua, em comunidade, ao Deus da graça e da vida. Como quem busca forças para viver em vários esforços de solidariedade com empobrecidos, dependentes químicos, presos, vítimas de violência. Como há protestantes nessas frentes!

E há a inspiração ecumênica que brota das consequências da Reforma. Recordar os 500 anos desses movimentos é também uma oportunidade de avaliar a raiz dos tantos rompimentos entre os cristãos e o escândalo das divisões. E aqui temos uma chance de reconhecer a causa da unidade e as tantas iniciativas que envolveram diálogo e cooperação que, nesses cinco séculos de história, significam a não conformação com a separação, a intolerância e a competição que mutilam o corpo de Cristo. Ocasão para reafirmar. Essas ações se deram no campo da ação missionária, da reflexão teológica, da disseminação do texto bíblico, da educação cristã, da ação social, e representaram a gênese, na passagem do século XIX para o século XX, do que hoje denominamos *movimento ecumênico*.¹³

Ressaltar o que une, mais do que o que divide, e testemunhar a unidade visível do corpo de Cristo num mundo tão marcado por rupturas e divisões é a vocação do movimento ecumênico, que encontra expressões concretas em diálogos bi e multilaterais entre as confissões de fé, em organismos associativos e em organizações de serviço e promoção da vida.

Resultado deste processo foi a célebre Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação, assinada, em 1999,

¹³C. O. RIBEIRO e M. CUNHA, *O rosto ecumênico de Deus*, op. cit..

por representantes da Igreja Católica Romana e da Federação Luterana Mundial em Augsburg, na Alemanha. Naquela cidade, em 1530, os seguidores de Lutero, convocados pelo rei alemão Carlos V, assinaram uma declaração de fé que rompia com a igreja romana e enfatizava a doutrina da salvação pela graça. Na passagem para o século XXI, católicos e luteranos registraram, pela Declaração Conjunta, que estão de acordo sobre as verdades básicas relativas à doutrina da justificação pela fé, um dos pilares da Reforma Protestante. Este foi um passo importante, um testemunho de que o diálogo e a cooperação são possíveis, sem desconhecer que ainda é preciso trabalhar outros aspectos antes de se alcançar um acordo total entre luteranos e católicos sobre o significado do evangelho da justificação na vida da Igreja.

A Igreja Católica, por meio do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, e a Federação Luterana Mundial têm afirmado a necessidade de que as duas partes continuem seus esforços ecumênicos. Assumem, ainda, que a Declaração Conjunta não é o objetivo final, mas um importante passo na peregrinação comum para uma completa unidade visível. Este é um testemunho e um estímulo para novas ações que envolvam outras confissões cristãs, na esperança ecumênica.

